

Sobre pessoas, bancos, vida e morte

10/11/2016

Maria Clara Lucchetti Bingemer
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Quando Simone Weil, a grande filósofa e mística francesa, terminou seu período de um ano de trabalho em diversas fábricas e montadoras francesas, descreveu para seus amigos sua experiência em uma frase: *"Coisas fazem o papel de homens, homens, o papel de coisas. Aí jaz a raiz do mal"*.

Não está longe a frase de Simone Weil da que o Papa Francisco pronunciou há dias, em Roma, em um discurso aos representantes de movimentos sociais em que se organizam trabalhadores e trabalhadoras da economia popular, do campo e de diversos setores que representam os excluídos da sociedade. O encontro, que teve a participação de 170 delegadas e delegados de 65 países, convocados pelo Cardeal Turckson, foi realizado no período de 2 a 5 de novembro último.

Ao comentar a grande desigualdade existente no mundo, que valoriza o capital e não a vida humana, o Papa denunciou a ditadura do dinheiro sobre as pessoas. E comentou com especial ênfase a tragédia dos migrantes que morrem no Mediterrâneo, às portas da Europa, diariamente. A propósito desse escândalo da nossa época, disse Francisco: *"No mundo de hoje, quando ocorre a bancarrota de um banco, imediatamente aparecem somas escandalosas para salvá-lo, mas quando acontece esta bancarrota da humanidade não existe sequer uma milésima parte para salvar esses irmãos que sofrem tanto. E assim o Mediterrâneo transformou-se em um cemitério e não somente o Mediterrâneo...muitos cemitérios próximos aos muros manchados de sangue inocente."*

Parece que o mundo de hoje está esquecido da Ética que, segundo o filósofo judeu lituano-francês Emmanuel Levinas, é a filosofia primeira. A Ética se ocupa dos valores que orientam o comportamento humano e suas atitudes concretas na vida de cada dia. A Ética é composta por princípios universais, ações nas quais se acredita e que não mudam independentemente do lugar onde se está. À diferença da moral, que se traduz em atitudes concretas e se rege por normas e hábitos recebidos, a Ética busca a fundamentação teórica para encontrar o melhor modo de viver e conviver, isto é, busca o melhor estilo de vida, tanto na vida privada quanto na pública.

Quando a solicitude das pessoas e instituições se desentende daquilo que ameaça e põe em perigo a vida humana; quando os recursos e os meios de que dispõe a humanidade se voltam para instituições impessoais que visam ao lucro estéril e improdutivo, centrado na reprodução exponencial e autofágica do capital que beneficia apenas uma minoria, há algo extremamente doente e insano na sociedade.

Em boa parte é isso que se vive hoje. Quando as instituições bancárias estão em perigo, acorrem seus coirmãos do mundo inteiro para socorrê-las e não deixá-las ir à falência. Porém, quando se trata da vida de milhares de pessoas, de famílias que fogem da morte buscando a melhoria de condições, as fronteiras se fecham e os governos voltam as costas. Parece que os migrantes - homens, mulheres, crianças, famílias inteiras - que encontram a morte no mar Mediterrâneo ou no deserto do Arizona são coisas e os bancos com seus cofres fortes e seguranças são seres vivos.

Pobre mundo, pobre humanidade que parece haver perdido a bússola da dignidade de sua condição. Pobres gerações futuras que herdarão esse estado de coisas sem jamais haver conhecido outra realidade. E, no entanto...a esperança está

no germinal, na pequena semente. Simone Weil sofreu a experiência da fábrica que matou sua juventude e deixou um legado luminoso para os que têm a graça de conhecer sua experiência e seu pensamento.

O Papa Francisco não se cansa de denunciar e convocar as consciências para o estado de inversão de valores, de cataclismo ético em que se encontram o mundo e a sociedade. Fala incansavelmente à Igreja da qual é pastor e à sociedade que o respeita como líder. Trata-se de um homem apenas.

Simone Weil era uma frágil mulher, que morreu aos 34 anos, na metade do século passado. As Simones e os Franciscos continuam existindo. E por isso a esperança pode até ser equilibrista e dançar na corda bamba de sombrinha, mas não podemos perdê-la de vista. O caos está a um passo, mas a dignidade humana ainda não submergiu definitivamente. Podemos escolher: ser Simone, ouvir Francisco, ou seguir em frente como se nada houvesse, compactuando com uma ordem invertida por ausência de ética.

Dura reflexão na noite em que o mundo acompanhava ansioso para que direção caminharia o país mais poderoso do mundo, que escolheu Donald Trump seu novo presidente. Que não nos falem a graça de Deus e a esperança, virtude maior que ajuda a enxergar a luz em meio às trevas. Amém!